Salomão Rovedo
Eram os deuses seres humanos?

Discos voadores vistos na Era Medieval

Acredito que “Eram os deuses seres humanos?”, com que foi intitulado o artigo que recuperei da publicação original do Jornal Opinião – e que agora mando ao mundo – foi um desses nomes caídos do céu, em que a intencionalidade é dispensável.

Estávamos em plena travessia 1972/1973, sob o tacão do Governo Médici, auge da repressão e tortura que corria desde 1968. Os porões, os subterrâneos de delegacias, casas escusas e presídios invisíveis, que nem sempre afloram nessas ocasiões, ganharam o aval do Estado.

Carlos Lamarca e Carlos Marighella caíram. A Guerrilha do Araguaia resistia a pão e palmito. A repressão e censura aos órgãos de imprensa impossibilitavam qualquer tentativa de denúncia. Os veículos de comunicação “neutros” estavam sendo usados para transformar essa merda numa visão positiva desse estado de coisas para a sociedade e o mundo.

Debaixo dessa situação, surge na Europa pós 1968, o Realismo Fantástico, liderado pelos escritores franceses Louis Pawells (1920-1997) e Jacques Bergier (1912-1978), que além do mais era espião. A dupla, através do livro "O Despertar dos Mágicos" (dormitando desde 1960), passou a liderar a divulgação do paranormal e das teorias pseudocientíficas que sustentaram o Realismo Fantástico. Mas, a partir de então, o movimento cresceu e foi amplamente divulgado pela Revista Planeta, de grande aceitação mundial.

Em 1968 o empregado de hotel suíço Erich von Daniken se transformou em escritor famoso com o livro "Eram os deuses Astronautas?", o que veio botar mais lenha na fogueira do realismo fantástico. A coisa ferveu por aqui, como quem procura também escapar para um lugar nas estrelas. Para fugir da Inquisição e da fogueira, vale tudo, amigo. Desse livro surgiu a contra-ideia: "Eram os deuses seres humanos?"

Voltando a "O Despertar dos Mágicos", subintitulado "Introdução ao Realismo Fantástico", vê-se que caminha por narrativas lendárias, fatos especulativos, se dedicando às áreas mal exploradas, muitas de cunho espiritual, que medram entre a ciência, o esoterismo, as tradições e lendas dos povos.

O discurso de Palwells, Bergier e van Daniken, abrange temas diversos: alquimia, sociedades secretas, civilizações antigas, religiões, ocultismo, esoterismo e procurava se basear em "evidências históricas" recém-descobertas, como os Papiros do Mar Morto.

Tudo se baseia no fato de que grande quantidade de conhecimento científico e técnico tem origem em civilização extraterrestre e que é mantido em segredo pelas potências

mundiais, jamais chegando à população. O Despertar dos Mágicos é dividido em três partes:

1) O Futuro Anterior
2) Há alguns anos, em outro lugar absoluto
3) O homem, esse infinito

Se alguém duvida se a obra é especulativa ou não, basta ler a declaração de Louis Pawells numa entrevista:

"Há provavelmente um monte de besteiras em nosso livro, repetimos, mas isso pouco importa, se este livro fizer despertar algumas vocações e, em certa medida, provocar voos mais amplos à pesquisa".

Não tendo para onde fugir, embarcamos na nave do realismo fantástico e dos deuses astronautas, cuja extensão continua nos dias de hoje com Harry Potter, Tolkien e adjacências.

Rio de Janeiro, Cachambi, novembro de 2015.

Em busca do desconhecido

Por muito tempo que se calcule o poder alcançado pelo ramo filosófico iniciado e propagado como Realismo Fantástico, muito pouco há de se obter, em termos de influência de massa a ponto de modificar ou interferir no sistema estabelecido.

A fraca alegação de que o movimento lança subjetivamente ideias neonazistas ao tentar esclarecer alguns obscuros fatos que – queiram ou não cientistas sábios – tem permanecido séculos e séculos em perene ostracismo (às vezes opcional, muitas vezes compulsório), é vaga e imprecisa auxiliando a ocultar o verdadeiro e nocivo neofascismo que, amparado por títulos e instituições políticas ditas modernas, veio à tona lastreado de legalidades.

Esse sim é atirado como imposição ao povo, mascarado com fantasias progressistas e (ainda) revolucionárias ou também pseudoreligiosas. Está latente, positivo, atuante, o nazismo que nossa passiva inatividade não consegue deter e desativar. Só sabemos reagir superficialmente.

Sem nos ater aos interesses secretos dos fundadores da ideia (pois estes não podemos descobrir mesmo), sejam eles nazistas, racistas, ou tudo isso junto, ou nada disso, há de se notar o lado positivo da (vá lá) filosofia que conseguiu liberar o pensamento dos dogmas tidos como única verdade, religiosos e científicos, que têm detido "nazisticamente" todas as liberdades e expressões, utilizando para isso as mais fantásticas alegações.

Na realidade, após o lançamento da ideia, seguido de uma poderosa massa de publicações semelhantes (como se todos tivessem guardando temerosos segredos), desapareceu do homem

o receio de bulir com o desconhecido, com o extraordinário, com o fantástico.

Dentro de cada um de nós existe uma viva condenação automática ao despotismo e às ditaduras – físicas e mentais – que relegam os seres a um plano cheio de limitações, como a contida na Grande Noite da Idade Média, como a do hitlerismo, como todas as "Inquisições" possíveis erigidas por governos que queimam livros, abusando da opressão social e religiosa em nome do progresso e de falsas liberdades, apenas para mencionar as empresas que dão mais na vista, agindo às claras.

Mesmo assim, fazer um paralelo entre, por exemplo, Van Denniken e a dupla Pawells e Bergier é tentar misturar óleo e água.

Conquanto exista uma conotação em seus trabalhos (a amplitude de ação é natural no Realismo Fantástico e comporta obras tão diversificadas como as de H. G. Wells, Jules Verne, Serge Hutin, Roger Bacon e milhares de outros autores), notam-se perfeitamente caminhos diversos na busca de suas realizações, considerando-se que o objetivo é um só. Sendo que Van Denniken se especializou em desvendar os segredos dos deuses e astronautas da antiguidade; ao passo que os franceses Pawells e Bergier abriram propositadamente todas as portas de sua imaginação e percepção a todos os caminhos que permitam penetrar o pensamento humano, em toda e qualquer situação que resista a uma análise mental, seja quais forem as probabilidades: difíceis, remotas ou impossíveis.

Abertas as vias rumo ao passado e em direção ao futuro, já se pode, em outras palavras, discutir livremente sobre a falibilidade das ciências, das religiões, dos deuses e das forças ocultas, sem se importar muito com a fogueira. (...)

Também já se pode criticar friamente as dúbias palavras e textos dos livros bíblicos, as mensagens dos religiosos considerados pilares da filosofia (Buda, Lao Tsé, Confúcio, Jesus).

Já se pode correr vista pelos sagrados papiros e penetrar nos antigos e seculares segredos das Sociedades Secretas, das magias Branca e Negra, da alquimia, das religiões profanas, como fazer conjeturas e lançar novas luzes sobre todas as coisas superiores, utilizando para seu deciframentos modernos recursos da tecnologia e da compreensão.

Dissemos que tudo isso é possível livremente, mas o será também impunemente?

Também algumas predições técnico-científicas imaginadas habilidosamente por Nostradamus, John Dee, padre Sinistrari D'Ameno; mais recentemente por H. G. Wells e George Orwell, até chegar aos nossos Arthur C. Clark, Peter Kolosimo, Isaac Asimov e Ernesto Bono, nunca é demais repetir: jamais devem passar despercebidas, sempre devemos dar crédito a esses esforços de descobrir o incognoscível...

A verdade é que o homem foi mergulhado criminosamente num mar de incertezas, atendendo a jogadas políticas, dogmáticas, religiosas e cientificas, ou tudo junto (...).

Outro forte motivo para hoje investigarmos todas as possibilidades, mesmo que não tenham o mínimo de crédito necessário, é o fato de estarmos todos ainda completamente nulos e ignorantes da nossa origem e destino. Sem dúvida, apesar dos milhões de anos percorridos no decorrer de suada existência, a caminho de uma formação biológica que muitos consideram a perfeição, o homem continua presa do passado, sem descobrir a

realidade a respeito da transformação da vida aquática para a rasteira, a quadrupede para a bípede terrena.

Continua retido na busca permanente de um "elo perdido", que seria a mutação da vida irracional para a lógica e para a razão. Porém a realidade ainda não se aproximou e continuamos paralisados no Homem de Neandertal com suas diversas facções, como precursor e matriz do homem moderno.

Pois da mesma forma que os arqueólogos escavam antigas terras e penetram em profundas cavernas, na verdadeira alma geológica da Terra, em busca de um fragmento de verdade a respeito das origens das espécies, do mesmo modo o homem moderno tem procurado penetrar na mente e em todos os mistérios da existência, humana e sobre-humana, em busca da verdade sobre seu interior, seus superpoderes, sua vida e sua alma (...).

Escavar todos 0s caminhos até então vedados e limitados a umas poucas cabeças (...).

É uma missão monstro a ser empreendida pelo homem, não pelo macaco ou pelos deuses: por um macaco e deus chamado homem civilizado, somente.

É possível, portanto, que o Realismo Fantástico tenha formado escola, mas é impossível que esta escola tenha nascido de uma só ideia e que essa ideia tenha sido formulada por um só homem com propósitos escolásticos.

A simples verificação de que a ideia fornece condições ilimitadas para o pensamento humano, sem peias nem rédeas, constata a afirmativa acima.

Ademais, é próprio de várias religiões propagar a aceitação do estabelecido "com alegria, amor e paz", já que para modificar tudo teríamos de sacrificar civilizações e ceifar milhares de vidas (como é possível já ter ocorrido em algum tempo).

Em seu trabalho "Os livros malditos", Jacques Bergier esclarece porque não permitiu que o movimento nascido com "O despertar dos mágicos" e "Planète" fosse transformado em religião: "num estado de ignorância total da dinâmica dos grupos humanos, pareceu-me extremamente perigoso lançar novos movimentos pára-religiosos".

Porém, não só religião, como também sociedades beneficentes secretas ou semi-secretas cuidam de promover um comodismo, discutível em sua ação, mas que, de um modo ou de outro, evita a repetição de catástrofes provocadas pelo choque destruidor das camadas divergentes.

Como não há limitações, é sempre possível que as ideologias políticas busquem o mesmo modo de ação, procurando atrair para suas fileiras o maior número de adeptos, como faz o Realismo Fantástico.

É inevitável que isso ocorra.

A respeito os tecnocratas observam que o Zen-Budismo será o ramo religioso de maior aceitação no futuro, justamente por ter certa identidade com o sentimento que o homem moderno criou para se dirigir rumo a um incerto Mundo, prenunciado com alarmantes previsões de superpopulação, miséria e fome, e doenças desconhecidas.

Para isso deve estar o homem preparado a enfrentar e aceitar.

Pois aceitar pacifica e alegremente a pobreza, a opressão, a mania de consumo e todo o resto, não quer dizer que tudo isso se transforme numa impassividade ou numa pacificação ociosa, cheia de espaços vazios.

Alguém jamais falou da alegria agressiva e destruidora?

Há necessidade de inteirarmos dos motivos e razões pelas quais, de tempos em tempos, surge um homem possuído dos fantásticos dons e poderes de liderança e organização, capazes de construir um Mundo, organizar um Reino, erigir um Povo e encaminhá-lo a um destino glorioso e sagrado.

Curar doentes, revolucionar políticas e ressuscitar mortos.

Saber o porquê da existência de certos homens que, contrariamente, possuem um instinto altamente destrutivo e nocivo, que sublima essa imagem através do estigma da conquista pela força e da busca do Eldorado ou de uma raça superior altamente purificada, em busca da religião perfeita.

Então teremos encontrado algo que se assemelhe à explicação da existência entre nós, simples mortais, de demônios do Bem e do Mal.

Alguma coisa a respeito da destruição das várias supercivilizações, cujo grau de inteligência e progresso deve ter ameaçado de qualquer modo o poder indestrutível desses seres super-homens. Com base nas informações históricas curriculares que chegam até nós jamais poderemos analisar tal poderio.

Se os deuses foram (e continuam sendo) feitos à nossa imagem e semelhança – mesma carne e mesmo osso – então os

extraordinários poderes de que são possuidores nos fazem ver que a mente humana é capaz de dar saltos grandiosíssimos rumo ao futuro desconhecido e à superinteligência, em determinados lapsos de tempo, o que permite literalmente salvar a humanidade de novas catástrofes semelhantes à que destruiu a primeira existência da nossa raça.

Assim se explicaria a presença entre nós de homens como Moisés, Jesus, Buda, Maomé.

Para não deixar em branco a possibilidade reversa, idêntico pulo – para trás – justificaria a existência de forças negativas e destruidoras representadas por momentos históricos como a Idade Média, por Hitler e pelas numerosas Sociedades Secretas, possuidores de força mental ultrapoderosa a ponto de formar inúmeras manchas negras da vida da Terra.

Pode ser que a espera de um novo super-homem vindo do espaço interestelar ou até de uma paupérrima aldeia nordestina ou africana, encaminhe as opções progressistas do homem a um minúsculo plano.

Mas a formação de uma ideia positiva que busque antes de tudo a verdade por todos os métodos, percorrendo todos os caminhos para admitir que tal fato tenha acontecido realmente: que os fenômenos têm amplas possibilidades de se repetir indefinidamente com a existência dos super-deuses, certamente auxiliará a dirimir a pobreza, a repelir a opressão e aclarar a mentalidade de que até hoje estamos possuídos, adaptando-a às condições passageiras de consumidores pertencentes a uma sociedade escravagista – no mínimo – com sua tecnologia temporária, cuja vigência não impedirá de modo algum a sobre existência de uma alegria de viver e um amor pelo Ser possuidor

de existência que preenche todos os requisitos milagrosos próprios dos que são deuses: o Homem.

––

Publicado originalmente no Jornal Opinião (RJ) nº 8, de 25 de dezembro de 1972 a 1º de janeiro de 1973.

––

Notas:

1 – O símbolo (...) significa a supressão de parte do texto, pela redação;

2 – Não fiz revisão, nem reescrevi o texto está como saiu com todas as imperfeições originais. Portanto, *há provavelmente um monte de besteiras*;

3 – Nessa época o guru da Contracultura no país era Luiz Carlos Maciel, também redator do jornal Opinião e tera´ sido – acho – o provável 'padrinho' desta publicação;

4 – Para culminar: ao final da página em que este artigo saiu, logo abaixo do meu nome, aparece a nota "Revisão prévia", que diz: ***"Na sexta-feira da semana passada, recebemos uma comunicação do Major Braga, do SICAP, órgão da Polícia Federal, de que nosso jornal, a partir do próximo número, passará a receber o que o Major chamou de 'revisão prévia'"***. É ou não é o próprio Realismo Fantástico?

Fittipaldi: a utilidade do mito

Capacete verde-amarelo-fiberglass, lenço protegendo narinas e boca, atados bem ao estilo dos saudosos bandidos dos seriados americanos de faroeste, um adesivo STP grudado em cada ombro, outro da Bardahl às costas. Aí está um mini-Fittipaldi, 10 anos, apostando corrida de bicicleta com seis ou sete colegas. Quem ainda não presenciou esta cena, atenção: os meninos estão passando rápido pelos nossos olhos.

A importância que o mito Émerson Fittipaldi vem assumindo junto à novíssima geração é grande. O filho-Pelé parece estar sendo substituído pelo ronco de motores de 460 HP, o futebol está sendo driblado rapidamente.

O governo não está indiferente a este fato, principalmente agora que o campeonato mundial está nas mãos de um brasileiro. É valioso o surgimento de um esportista Campeão Mundial que tem conseguido crescente popularidade entre os jovens.

Por ocasião da visita que Émerson fez ao Brasil, anunciou-se o início de estudos para a formação de uma equipe brasileira de Fórmula I completa, para financiar nossos principais pilotos no exterior. Poucos sabiam – o atual campeão mundial nunca correu pelo Brasil, mas sim representando a bandeira britânica. Esta oportunidade de projetar o Brasil no exterior não poderia ser desperdiçada.

A decisão oficial foi bem recebida por Émerson: "quero ver o Brasil cada vez mais conhecido em todo mundo", declarou o campeão, rompendo um discreto silêncio político, que vinha mantendo desde sua partida para Londres.

O altíssimo preço pago pela manutenção de uma equipe de Fórmula I precisa ser recompensado publicitariamente. Mas vejamos o que, em última análise, vai atuar publicitariamente: o carro, em primeiro lugar e o piloto, em segundo. Efetivamente será este o casal que ganhará as páginas das revistas, os vídeo-tapes e transmissões diretas, filmes para cinema, jornais, etc. Este é o ponto nodal onde queria chegar. A sugestão, aceita e publicada nos jornais de algumas semanas atrás para solucionar o problema da pintura do carro dos pilotos brasileiros da projetada Equipe Brasil, é bastante curiosa.

Várias tonalidades de verde, em desenhos que lembrem folhagens, a condição tropical, o exótico, a exuberância natural de nosso país, eis aí a solução encontrada.

Irritado com a "difamação" que vem sofrendo o país no exterior, com a "falsa imagem" que os "invejosos do evidente crescimento econômico que estamos experimentando" levam aos leitores e telespectadores estrangeiros, o governo resolveu fazer uso de uma evidência esportiva como instrumento para corrigir esta incômoda situação. Como? pintando a parte mais olhada, admirada, adorada e veiculada de uma equipe de Fórmula I: a John Player Special Lotus de Émerson Fittipaldi. Abrindo um parêntesis: a empresa de fumos e cigarros que é a atual patrocinadora (a principal) de Colin Chapman é uma potência econômica indiscutível. Aliás, as grandes empresas fabricantes de cigarros em todo o mundo têm voltado as atenções para as corridas de automóveis. Pressionadas oficialmente a alertar seus consumidores dos perigos do fumo e limitadas publicitariamente, encontraram um veículo excelente para sua publicidade: associar um esporte considerado "sadio" à uma marca de cigarros. A L A M. Marlboro e outras já entraram nesta. John Player Special é apenas uma marca da empresa patrocinadora de Chapman, e certamente não está interessada em abandonar a Lotus de Émerson ou mudar as cores dos carros, mesmo que o piloto brasileiro não houvesse conquistado o campeonato. Vejamos com quem ficará as cores da Lotus. Parêntesis fechado.

A esta altura do campeonato, é interessante dar uma pincelada com os olhos no momento histórico que vivíamos há alguns séculos atrás, que mostrará muitos denominadores comuns com o que vivemos agora, além de elucidar a importância e o caráter de algo que à primeira vista não mereceria maiores atenções: a pintura de um automóvel de Fórmula I.

Século XVI. O capitalismo estava se expandindo, lançando seus pegajosos e robustos tentáculos a um grande número de novas e antigas nações, iniciando a construção de um novo tipo de colonialismo, mais racional e mais lucrativo.

No caso particular do Brasil, com sua economia inteiramente voltada ao exterior desde o descobrimento, isto não constituiu grande novidade. Mas a preocupação em se justificar ideologicamente como fornecedor de riquezas aos poderosos aumentou sempre na medida em que a exploração ganhava novas partidas.

Luís Pontual: antes a beleza dos trópicos e o pitoresco. Agora, a economia e os recursos naturais. O ufanismo é o mesmo.

É curioso verificar como este tipo de economia se refletia na literatura da época. Utilizando sempre uma linguagem adjetivosa, laudatória, estava sempre ocupada em exaltar as belezas naturais (potencialidades econômicas), criando uma imagem edênica, coalhada de bizarrias, do pitoresco, tropical.

O ufanismo vivia então seus dias de glória (o que não significa que tenha morrido em nossos dias).

(. . .) Esta realidade histórica permanece basicamente inalterada até hoje e, como não poderia deixar de ser, continua levando seus reflexos à cultura e aos costumes. Vejamos: o gesto "paz e amor", dedos em "V", tão em uso pela atual juventude urbana brasileira, é importação sem máscara dos E.U.A. Lá, ele foi originado por um momento econômico e político, ou seja, o ócio e a guerra no sudeste asiático. Aqui, não há justificativa convivente, nada a ver com os anais que tratam da juventude urbana brasileira, contaminada pela mediocridade. (. . .)

Para americanos, ingleses, franceses e tantos outros que desconfiavam da existência de índios "soltos" pelo vale do Anhangabaú, aí está excelente oportunidade de perderem as dúvidas. E, para os mais espertos, que não esqueceram o passado, é o sinal verde para participar do generoso momento econômico que estamos vivendo.

Luiz Pontual de Oliveira
Dr. Penaforte Mendes, 114, SP

Eram os Deuses Seres Humanos

Leitores respondem ao artigo de Heitor Luz "Eram os Deuses SS?" E negam que nazismo e realismo fantástico sejam a mesma coisa.

O artigo de Heitor Luz, aliás muito interessante, publicado em OPINIÃO n.º 5, de 4 a 11 de dezembro, sob o título de "Eram os deuses SS?", traz uma comparação que acho exagerada e sefrisima. Comparar o que o autor chama de "realismo fantástico" ao nazi-fascismo, tem um sabor azedo de esquerda-festiva. Parece-me que ele próprio em trechos posteriores do artigo, abrandou um pouco mais a comparação, parecendo estar até como se estivesse arrependido de ter escrito tal coisa no começo, mas não havia borracha à mão, então continuou assim mesmo.

Lembro ao autor que na hipótese de realmente uma raça de seres extra-terrenos nos haverem visitado em épocas em que o homem estava em seu estado mais primitivo, acarretaria em um confronto técnico e cultural, terrivelmente grande. Comparável a transportar um selvagem da Amazônia e subitamente, jogá-lo em pleno centro, vamos dizer, São Paulo.

É inegável que tal raça, pelo menos no aspecto técnico e cultural seria incrivelmente superior a nós, quer nos tempos primitivos, como agora; pois ainda levamos dias para percorrer uma distância ínfima como a da Terra-Lua. E essa superioridade não podemos considerar como racismo, pelo menos no sentido amplo da palavra.

Em outro trecho, o autor afirma estar certo que quando os foguetes da Nasa ou de seus companheiros russos chegarem a outros planetas, não haveria uma tentativa de dominação e escravização por parte de nossos astronautas sobre aqueles seres. Com que certeza pode se afirmar isto? E até que ponto isto é verdade? Baseado em que? Ora, os fatos em nosso próprio planeta contestam esta afirmação. O homem continua explorando mesquinhamente o seu semelhante. A escravocracia já não é braçal como antigamente, mas econômica. A opressão está na ordem do dia, no menu da maioria das nações, mesmo as que se dizem democráticas. Se o homem escraviza e subjuga a seu próprio semelhante, quem pode dizer com certeza, o que irá acontecer quando nos defrontarmos com seres de outros planetas, que por ventura, sejam menos avançados tecnicamente que nós?

Valter Luiz Guimarães
Londrina – PR

Em busca do Desconhecido

Por muito tempo que se calcule o poder alcançado pelo ramo filosófico iniciado e propagado pelo Realismo Fantástico, muito pouco há de se obter, em termos de influência de massa a ponto de modificar ou interferir no sistema estabelecido.

A fraca alegação de que o movimento lança subjetivamente idéias neo-nazistas ao tentar esclarecer alguns obscuros fatos que – queiram ou não cientistas e sábios – têm permanecido séculos e séculos em perene ostracismo (às vezes opcional, muitas vezes compulsório), é vaga e imprecisa auxiliando a ocultar o verdadeiro e nocivo neo-fascismo que, amparado por títulos e instituições políticas ditas modernas, veio à tona lastreado de legalidades. Esse sim é atirado como imposição ao povo, mascarado com fantasias progressistas e (ainda) revolucionárias ou também pseudo-religiosas. Está latente, positivo, atuante, o nazismo que nossa impassiva inatividade não consegue deter e desativar. Só sabemos reagir superficialmente.

Sem nos ater aos interesses secretos dos fundadores da idéia (pois estes não podemos descobrir mesmo), sejam eles nazistas, racistas, ou tudo isso junto, ou nada disso, há de se notar o lado positivo da (vã fé) filosofia, que conseguiu liberar o pensamento dos dogmas tidos como única verdade, religiosos e científicos, que têm detido "nazistamente" todas as liberdades e expressões, utilizando para isso as mais fantásticas alegações.

Na realidade, após o lançamento da idéia, seguida de uma poderosa massa de publicações semelhantes (como se todos tivessem guardando temerosos segredos), desapareceu do homem o receio de subir com o desconhecido, com o extraordinário, com o fantástico. Dentro de cada um de nós existe uma viva condenação automática ao despotismo e às ditaduras – físicas e mentais – que relegam os seres a um plano cheio de limitações, como a contida na Grande Noite da Idade Média, como a do hitlerismo, como todas as "inquisições" possíveis erigidas por governos que queimam livros, abusando da opressão social e religiosa em nome do progresso e de falsas liberdades, apenas para mencionar as empresas que dão mais na vista agindo às claras.

Mesmo assim, fazer um paralelo entre, por exemplo, Van Denniken e a dupla Pawells e Bergier é tentar misturar óleo e água. Conquanto exista uma conotação em seus trabalhos (a amplitude de ação é natural no Realismo Fantástico e comporta obras tão diversificadas como as de H.G.Wells, Jules Verne, Serge Hutin, Roger Bacon e milhares de outros autores), notar-se perfeitamente caminhos diversos na busca de suas realizações, considerando-se que o objetivo é um só. Sendo que Van Denniken especializou-se em desvendar os segredos dos deuses e astronautas da antiguidade; ao passo que os franceses Pawells e Bergier abriram propositadamente todas as portas de sua imaginação e percepção a todos os caminhos que permitam penetrar o pensamento humano, em toda e qualquer situação que resista a uma análise mental, sejam quais forem as probabilidades: difíceis, remotas ou impossíveis. Abertas as vias rumo ao passado e em direção ao futuro, já se pode, em outras palavras, discutir livremente sobre a falibilidade das ciências, das religiões, dos deuses e das forças ocultas, sem se importar muito com a fogueira. (. . .) Também já se pode criticar friamente as dúbias palavras e textos dos livros bíblicos, as mensagens dos religiosos considerados pilares da filosofia (Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Jesus). Já se pode correr vista pelos sagrados papiros e penetrar nos antigos e seculares segredos das Sociedades Secretas, das magias Branca e Negra, da alquimia, das religiões profanas, como fazer conjeturas e lançar novas luzes sobre todas as coisas superiores, utilizando para seu desiframento os modernos recursos da tecnologia e da compreensão. Dissemos que tudo isso é possível livremente, mas o será também impunemente?

Também algumas predições técnico-científicas imaginadas habilidosamente por Nostradamus, John Dee, padre Sinistrari D'Ameno; mais recentemente por H.G. Wells e George Orwell, até chegar aos novos Arthur C. Clark, Peter Kolosimo, Isaac Asimov e Ernesto Bono, nunca é demais repetir: jamais devem passar despercebidas, sempre devemos dar crédito a esses esforços de descobrir o incognoscível . . .

A verdade é que o homem foi mergulhado criminosamente num mar de incertezas, atendendo a jogadas políticas, dogmáticas religiosas e científicas, ou tudo junto, (. . .).

Outro forte motivo para hoje in-

continua na página 23

Ações, bancários e banqueiros

Em seu último número, à página 2, alguém sob o título de "Levy no Banco" e sob o pseudônimo de P. Lirio, pôs em dúvida a minha autenticidade ao apresentar o projeto de proteção aos acionistas minoritários. Diz esse suposto missivista, textualmente: "Quando for o projeto a plenário, poderá testar-se a habilidade do sr. Herbert Lévy se lhe for indagado sobre o tratamento que ele próprio dispensou aos acionistas minoritários do seu estabelecimento, o Banco da América, quando transferiu para o Banco Federal Itaú, há cerca de dois anos, transferindo-se também, no cargo pessoal de presidente do Conselho.

Poder-se-ia, finalmente, acrescentar ao projeto um item alusivo aos de bancos engolidos, explicável esquecimento do deputado."

Resposta: na fusão de que resultou o atual Banco Itaú América, nenhum acionista, minoritário ou não, do antigo Banco da América ou do Itaú Sul Americano teve tratamento diferente do outro. Todos se beneficiaram igualmente da valorização subseqüente, com o fortalecimento do banco. A insinuação é, pois, inteiramente gratuita.

Quanto aos funcionários, que sempre gozaram de situação privilegiada no antigo Banco da América, após o nervosismo natural do primeiro impacto, integraram-se esplendidamente, em sua imensa maioria, no novo banco, melhorando suas condições e galgando postos de responsabilidade em tais proporções que nos deixam orgulhosos da qualidade do pessoal do antigo Banco da América. Outra insinuação malévola e descabida do missivista, portanto. (. . .)

Herbert Victor Levy
Presidente do Conselho de Administração do Banco Itaú América S.A. São Paulo – Capital

● *Trata-se de uma carta de um leitor e não de um artigo da redação escrito sob pseudônimo.*

opinião

Uma publicação da Editora Inúbia Ltda.

DIRETOR
Fernando Gasparian

REDAÇÃO
EDITOR
Raimundo Rodrigues Pereira
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO
Antonio Carlos Ferreira
EDITORES-ASSISTENTES
Arlindo Murgel, Flávio Pinheiro, Juracy Andrade, Marcos Gomes, Mário de Almeida.
REDATORES
Antonio José Mendes, Elica Munerato, Jô Amado, João Lizardo, Ronaldo Brito, Regina Lemos, Marília Almeida de Abreu
CORRESPONDENTES
Júlio César Montenegro (Brasília), Alberto Carbone (América Latina), Bernardo Kucinski (Londres), José Reis (Paris), Paulo Francis (Nova York), Vanna Bronca (Milão)
EDITORES-CONTRIBUINTES
Jean-Claude Bernardet, Sérgio Augusto, Gerson Toller Gomes
ARTE
Valdir de Oliveira, Cássio Loredano (ilustrações), Ditar Stein (assistente)

ADMINISTRAÇÃO
GERENTE ADMINISTRATIVO
Raimundo Andrade

Assinatura para o Brasil, Cr$ 120,00 o anual e Cr$ 65,00 o semestral; para o exterior, US$ 30 o anual e US$ 15 o semestre. Envio por via aérea ou pelos serviços postais de entrega rápida.
Redação: Rua Abadia Ramos, 78, Jardim Botânico, Rio de Janeiro, telefones: 246-7486 e 226-1784. Administração, telefone: 246-5326. Distribuição: Abril S.A. Cultural e Industrial, Rua Emílio Goeldi, 575, Lapa, São Paulo; Composição: Jet Press – Rua Alves Saldanha, 86-A – Rio de Janeiro; Impressão: Editora Mory, Rua do Resende, 66, Rio de Janeiro.

ALÉM DA EDIÇÃO BRASILEIRA DO LE MONDE
OPINIÃO PUBLICA AINDA UMA SELEÇÃO
DE ARTIGOS DOS SEGUINTES JORNAIS E REVISTAS

The Washington Post
THE GUARDIAN
The New York Review of Books
NEW STATESMAN

Eram os Deuses Seres Humanos ?

continuação da página 2

vestigarmos todas as possibilidades, mesmo que não tenham o mínimo de crédito necessário, é o fato de estarmos, todos, ainda completamente nulos e ignorantes da nossa origem e destino. Sem dúvida, apesar dos milhões de anos percorridos no decorrer da suada existência, a caminho de uma formação biológica que muitos consideram a perfeição, o homem continua preso do passado, sem descobrir a realidade a respeito da transição da vida aquática para a rasteira e quadrúpede para a bípede terrena. Continua tenso na busca permanente do "elo perdido", que seria a mutação da vida irracional para a lógica e para a razão. Porém a realidade ainda não se aproximou e continuamos paralizados no homem de Neanderthal, com suas diversas facções, como precursor e matriz do homem moderno.

Pois da mesma forma que os arqueólogos escavam antigas terras e penetram em profundas cavernas na verdadeira alma geológica da Terra em busca de um fragmento de verdade a respeito das origens das espécies, do mesmo modo o homem moderno tem procurado penetrar na mente e em todos os mistérios da existência, humana e sobre-humana, em busca da verdade sobre seu interior, seus superpoderes, sua vida e sua alma. (. . .).

Escavar todos os caminhos até então vedados e limitados a umas poucas cabeças. (. . .). É uma missão-monstro a ser empreendida pelo homem, não pelo macaco ou pelos deuses; por um macaco e deus chamado homem civilizado, somente.

É possível, portanto, que o Realismo Fantástico tenha formado escola, mas é impossível que esta escola tenha nascido de uma só idéia e que essa idéia tenha sido formulada por um só homem com propósitos escolásticos. A simples verificação de que a idéia fornece condições ilimitadas para o pensamento humano, sem peias nem rédeas, constata a afirmativa acima. Ademais, é próprio de várias religiões propagar a aceitação do estabelecimento "com alegria, amor e paz", já que para modificar tudo teríamos de sacrificar civilizações e ceifar milhares de vidas (como é possível já ter ocorrido em algum tempo). Em seu trabalho "Os Livros Malditos", Jacques Bergier esclarece porque não permitiu que o movimento nascido com o "Despertar dos Mágicos" e "Planète" fosse transformado em religião: . . . "num estado de ignorância total da dinâmica dos grupos humanos, pareceu-me extremamente perigoso lançar novos movimentos parareligiosos."

Porém, não só religião, como também sociedades beneficentes secretas ou semi-secretas cuidam de promover um comodismo, discutível em sua ação mas que, de um modo ou de outro, evita a repetição de catástrofes provocadas pelo choque destruidor das camadas divergentes. Como não há limitações, é sempre possível que as ideologias políticas busquem o mesmo modo de ação, procurando atrair para suas fileiras maior número de adeptos, como faz o Realismo Fantástico. É inevitável que isso ocorra. A respeito, os tecnocratas observam que o Zen-Budismo será o ramo religioso de maior aceitação no futuro, justamente por ter uma certa identidade com o sentimento que o homem moderno criou para se dirigir rumo a um incerto Mundo, prenunciado com alarmantes previsões de superpopulação, miséria e fomes, e doenças desconhecidas. Para isso deve estar o homem preparado a enfrentar e aceitar. Pois aceitar pacífica e alegremente a pobreza, a opressão, a mania de consumo e todo o resto, não quer dizer que tudo isso se transforme numa impassividade ou numa pacificação ociosa, cheia de espaços vazios. Alguém jamais falou da alegria agressiva e destruidora?

De tempos em tempos surge alguém capaz de dirigir um povo e construir um mundo. Ou alguém capaz de ressuscitar os mortos — diz Salomão Rovedo

Há necessidade de inteirarmos dos motivos e razões pelas quais, de tempos em tempos, surge um homem possuído dos fantásticos dons e poderes de liderança e organização, capazes de construir um Mundo, organizar um Reino, erigir um Povo e encaminhá-lo a um destino glorioso e sagrado. Curar doentes, revolucionar políticas e ressuscitar mortos. Saber o porquê da existência de certos homens que, contrariamente, possuem um instinto altamente destrutivo e nocivo, que sublima essa imagem através do estigma da conquista pela força e da busca do Eldorado ou de uma raça superior altamente purificada. Em busca da religião perfeita. Então teremos encontrado algo que se assemelhe à explicação da existência entre nós, simples mortais, de demônios do Bem e do Mal. Alguma coisa a respeito da destruição das várias supercivilizações, cujo grau de inteligência e progresso deve ter ameaçado de qualquer modo o poder indestrutível desses seres super-homens. Com base nas informações históricas curriculares que chegam até nós jamais poderemos analisar tal poderio.

Se os deuses foram (e continuam sendo) feitos à nossa imagem e semelhança — mesma carne e mesmo osso, então os extraordinários poderes de que são possuidores fazem-nos ver que a mente humana é capaz de dar saltos grandiosíssimos rumo ao futuro desconhecido e à super-inteligência, em determinados lapsos de tempo, o que permite literalmente salvar a humanidade de novas catástrofes semelhantes à que destruiu a primeira existência de nossa raça. Assim se explicaria a presença entre nós de homens como Jesus. Para não deixar em branco a possibilidade reversa, idêntico pulo — para trás — justificaria a existência de forças negativas e destruidoras representadas por momentos históricos como a Idade Média, por Hitler e pelas numerosas Sociedades Secretas, possuidores de força mental ultra-poderosa a ponto de formar inúmeras manchas negras na vida da Terra.

Pode ser que a espera de um novo super-homem vindo do espaço interestelar, ou até de uma paupérrima aldeia nordestina ou africana, encaminhe as opções progressistas do homem a um minúsculo plano. Mas a formação de uma idéia positiva que busque antes de tudo a verdade por todos os métodos, percorrendo todos os caminhos para admitir que tal fato tem acontecido realmente; que os fenômenos têm amplas possibilidades de repetir-se indefinidamente com a existência dos super-deuses, certamente auxiliará a diminuir a pobreza, a repelir a opressão e aclarar a mentalidade de que até hoje estamos possuídos, adaptando-a às condições passageiras de consumidores pertencentes a uma sociedade escravagista — no mínimo — com sua tecnocracia temporária, cuja vigência não impedirá de modo algum a sobre-existência de uma alegria de viver e um amor pelo Ser possuidor da existência que preenche todos os requisitos milagrosos próprios dos que são deuses: o Homem.

Salomão Rovedo
Rio de Janeiro

Revisão prévia

Na sexta-feira da semana passada, recebemos uma comunicação do Major Braga, do SICAP, órgão da Polícia Federal, de que nosso jornal, a partir do próximo número, passará a receber o que o Major chamou de "revisão prévia".

Os finais de torre

Leonard Barden

Finais de torres ocorrem com frequência e têm uma taxa elevada de erros e imprecisões.

A partida desta semana é entre Mestel — um dos melhores jovens ingleses — e Rene Borngasser, que obteve medalha de prata no último juvenil europeu.

A vitória de Mestel contém imprecisões de ambos os lados mas ilustra bem os dois princípios básicos para finais de torre e peões: o rei deve ser empregado como peça combatente (lances 29-34 das brancas) e as torres devem ficar ativas, e não defendendo peões isolados (25-28 das brancas).

Jonathan Mestel (Inglaterra) — Rene Borngasser (Alemanha Ocidental)

Defesa Francesa

1 P4R P3R 2 P4D P4D 3 C2D PxP 4 CxP C2D 5 C3BR CR3B 6 B5CR. É mais correto trocar bispos imediatamente e negar às negras a possibilidade de recapturar com o bispo.

6 . . . B2R 7 CxC+ BxC 8 D2D 0-0 9 0-0-0 P3CD 10 B5C. Com a idéia de 10 . . . B2C 11 BxC BxB 12 CxB DxC 13 D3D enfraquecendo a ala do rei das negras. Porém o lance do bispo é artificial e prefiro o plano de ataque usual 10 P4TR seguido de T3T.

10 . . . BxB 11 CxB C3B 12 B6B T1C 13 D4B D3D? 13 . . . C4D! ameaçando a dama e também ganhar um peão com C5C, dá às negras bom jogo.

14 DxD PxD 15 C4R CxC 16 BxC B2C 17 TR1R BxB 18 TxB. As brancas têm final favorável graças às suas torres mais ativas e ao seu rei centralizado.

18 . . . P4D 19 T5R P3C 20 P4CR! Com a intenção de fixar os peões negros através de P5C. A réplica das negras cria outra fraqueza em 3R, mais um alvo potencial para juntar aos PTD e PTR.

20 . . . P4B 21 P5C R2B 22 T3D TD1B 23 T3TR T1TR 23 . . . P4TR (24 PxP e.p. P4CR) é melhor, pois agora as brancas poderiam ganhar rapidamente com 24 T6T! ameaçando P4BR. T(5) 3R. P4TR. T3TR e P5T.

2 4 T (5) 3 R ? P 4 T R ?

24 . . . P3TR provavelmente empata: 25 PxP P4CR e as negras conseguiriam retomar o PT e contra-atacar os peões brancos.

25 T3T! T2B 26 T(3T) 3BD T2D. Não 26 . . . T(1T)1BD por causa de 27 TxP!

27 P4B R2R 28 T6B T(1T)1D 29 R2D! O rei avança.

29 . . . T1CD 30 R3B T(1)2C 31 R4C T(2D)2B 32 R5C R2D 33 T(6)3B. Não 33 T(3)3B? TxT 34 TxT P3T+ ganhando.

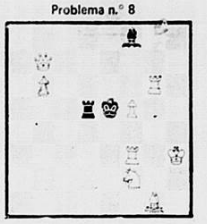
33 . . . R1B 34 R6T R1C 35 T(3T)3C. Preparando P4TD-5T.

35 . . . P4R 36 PBxP! Não 36 PDxP P5D 37 T3D T4B ameaçando T4T mate.

36 . . . TxT 37 TxT T2BD 38 T3R TxP 39 P6R T1B 40 P7R T1R 41 T6R P5B 42 P3TD! Uma sutileza que reduz o número de peões brancos passíveis de ser atacados na segunda linha. O resto da partida é o jogo correto das brancas.

42 . . . P5T 43 TxPCR TxP 44 T6BR T2CR 45 P6C T1C 46 TxP TxP 47 TxP T7C 48 P4C T7T 49 T3T T7D 50 T8T+ R2B 51 RxP TxP 52 T7T+ R3B 53 T6T+ R4C 54 TxP+ R5B 55 T6B+ R6C 56 P5C Abandonam.

Problema n.° 8



As brancas dão mate em dois lances, contra qualquer defesa (por B. G. Laws).

Solução do n.° 7

1 R2B (lance de espera). Se 1 . . . BxT+ 2 BxB, ou se B4C 2 CxB, ou se B(5T) qualquer casa 2 T3R, ou se B4D 2 C6D, ou se B4D 2 C6D, ou se o bispo de (1T) se mexe 2 DxB; se o cavalo de (6C) se move 2 D4D; ou se o cavalo de (8B) sai do lugar 2 D3D.

opinião

EM PARIS TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Livraria Joie de Lire

LIVROS

RECEBA EM CASA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Este é um novo serviço da Editora Inúbia. Enviando pelo Correio o anúncio acompanhado de cheque visado ou vale postal, você recebe, **sem qualquer acréscimo ou despesa,** as últimas novidades editoriais pelo mesmo preço das livrarias.

Por favor mandem-me . . o(s) livro(s) assinalados no anúncio

Nome: _____

Endereço: _____ ZC _____

Cidade: _____ Estado: _____

☐ cheque visado
☐ vale postal*

no valor de Cr$ _____

* vale postal pode ser adquirido em qualquer agência de Correio. Basta trocar a quantia em dinheiro a ser mandada por um documento para

Editora Inúbia Ltda. Rua Abade Ramos, 78. Jardim Botânico — ZC 20 — Rio de Janeiro — GB

☐ **ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO**, Dee Brown, Edições Melhoramentos, Cr$ 26,00 — massacre dos índios americanos durante a conquista do oeste.

☐ **CHAVES DO URBANISMO**, Robert Auzelle, Civilização Brasileira, Cr$ 18,00 — Defesa do urbanismo comunitário voltado para o bem-estar do homem.

☐ **A GUERRA DO BOM FIM**, Moacyr Scliar, Expressão e Cultura, Cr$ 18,00 — visão da guerra do Oriente médio, abrangendo costumes e relações judias.

☐ **A BATALHA QUE STALIN PERDEU**, Vladimir Dedijer, Artenova, Cr$ 18,00 — conflito entre a Rússia e a Iugoslávia.

☐ **PARA LER OS QUADRINHOS**, Moacy Cirne, Vozes, Cr$ 10,00 — análise da relação estrutural dos quadrinhos com a arte contemporânea.

☐ **O HOMEM TECNOLÓGICO**, Victor C. Frekiss, Zahar, Cr$ 15,00 — análise da tecnologia e do homem que se utiliza dela.

☐ **A GUERRA SUJA**, Mario Puzzo, Expressão e Cultura, Cr$ 20,00 — os problemas de um soldado depois da guerra.

☐ **DRUMMOND RIMA ITABIRA MUNDO**, Emanuel de Moraes, José Olympio, Cr$ 25,00 — análise da obra de Drummond e sua técnica.

☐ **ARQUITETOS DO FUTURO**, antologia organizada por Peter Hainning, Expressão e Cultura, Cr$ 18,00 — realismo mágico.

☐ **INTRODUÇÃO A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**, George F. Kneller, Zahar, Cr$ 18,00 — teoria do conhecimento educacional.

☐ **CULTURA DE MASSA E CULTURA POPULAR**, Ecléa Bosi, Vozes, Cr$ 18,00 — análise da literatura das mulheres operárias.

☐ **HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO**, Caio Prado Júnior, Brasiliense, Cr$ 12,00 — O Brasil e o mercado externo, as relações com o capitalismo monopolista.

☐ **HISTÓRIA DE CRONÓPIOS E FAMAS**, Júlio Cortázar, Civilização Brasileira, Cr$ 16,00 — caricatura de uma realidade irracional.

☐ **NIXON x MCGOVERN: AS DUAS AMÉRICAS**, Paulo Francis, Livraria Francisco Alves, Cr$ 25,00 — crítica ao Establishment e às eleições americanas.

☐ **PSICOTERAPIA, OCIDENTE E ORIENTE**, Alan Watts, Record, Cr$ 18,00 — as relações entre a liberação oriental e as terapias ocidentais.

☐ **UM CÃO UIVANDO PARA A LUA**, Antônio Torres, Gernasa, Cr$ 12,00 — a vida de um intelectual brasileiro e as pressões sociais.

☐ **OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE**, volume IV, Civilização Brasileira, Cr$ 10,00 — idéias filosóficas, estéticas e políticas de Oswald.

☐ **O ROMANCE ESTÁ MORRENDO?** Ferenc Fehér, Paz e Terra, Cr$ 14,00 — tese que defende o desenvolvimento do romance.

☐ **MÚSICA POPULAR, TEATRO E CINEMA**, José Ramos Tinhorão, Vozes, Cr$ 20,00 — relação entre música, teatro e cinema como meios de divulgação.

☐ **NINGUÉM MATA O ARCO-ÍRIS**, José Cândido de Carvalho Olympio, Cr$ 22,00 — gia urbana.

☐ **PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS**, Peter L. Berger, Vozes, Cr$ 15,00 — visão humanista da sociologia.

☐ **A COMUNIDADE TERAPÊUTICA**, Maxwell Jones, Vozes, Cr$ 20,00 — utilização das forças sociais nos atuais métodos terapêuticos.

☐ **ANTOLOGIA HUMANÍSTICA ALEMÃ**, seleção de Wolfang Langenbucher, Globo, Cr$ 35,00 — literatura alemã desde a Idade Média até a segunda metade do século XX.

☐ **DA SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES AO CAPITALISMO FINANCEIRO**, Maria da Conceição Tavares, Zahar, Cr$ 20,00 — ensaios sobre a economia brasileira.

☐ **ESTA É A VERDADEIRA HISTÓRIA DO PARAÍSO**, Millor Fernandes, Livraria Francisco Alves, Cr$ 25,00.